

Adiar tudo, uma ...

por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

"Washington talvez esteja tão interessada, hoje, em evitar a reclassificação, quanto o Brasil e os bancos", afirmou o banqueiro. "O Brasil e os bancos estão-se reunindo, neste momento, mais porque interessa aos dois lados, por causa do ICERC, dar a impressão de que estão conversando. Mas, na verdade, não está havendo negociação alguma", acrescentou.

Os economistas do comitê de bancos, que regressaram ontem de uma viagem de três dias a Brasília, "voltaram mais confusos com o que viram do que já estavam antes de partir", disse a fonte. "Não vejo os bancos começando a discutir empréstimos para cobrir as necessidades de financiamento do País, pois as condições mínimas para isso não estão presentes no Brasil."

Sendo este o caso, a idéia de depositar uma parte do pagamento devido aos credores privados no BIS pode deixar de ter sentido, pois ela não estaria conectada a um cronograma previsível de transferência do dinheiro aos bancos.

Afirmando que nunca acreditou na hipótese da reclassificação, um executivo sênior de um grande banco ressaltou, contudo,

que, caso ela ocorra, poderá acabar não tendo efeito adverso maior para os bancos, pois poderia ser acompanhada de uma decisão considerando o atual nível de reservas dos bancos adequado.

A postura adotada agora pelo governo brasileiro de admitir claramente que a moratória é um instrumento político do qual não pode abrir mão de graça, caso contrário enfraquecerá sua posição na mesa de negociações, obviamente não caiu bem entre os banqueiros.

"Desde a decretação da moratória, o governo brasileiro disse, repetidas vezes, que ela deveria ser entendida como um ato de necessidade e não de hostilidade ou confrontação", disse um banqueiro. "Embora eu compreenda que, racionalmente, a alternativa que resta hoje para o governo brasileiro é a de endurecer sua posição, essa atitude, à luz do que foi dito no passado, não deixa de revelar uma certa má fé."

Num evento paralelo, o Trade Policy Review Group, uma comissão interministerial do governo norte-americano, poderá recomendar hoje a inclusão do Brasil num grupo de países a serem graduados do Sistema Geral de Preferências (SGP), que permite isenção tarifária a uma série de produtos importados.

GAZETA MERCANTIL
23 OUT 1987

Adiar tudo, 23 OUT 1987 uma hipótese na negociação

por Paulo Sotero
de Washington

A busca de uma solução que evite a reclassificação, pelo governo dos EUA, dos empréstimos que os bancos norte-americanos fizeram ao Brasil deve concentrar-se hoje novamente em Washington. O negociador brasileiro, Fernão Bracher, que esteve na última quarta-feira na capital norte-americana, reuniu-se ontem com o comitê de bancos, em Nova York, para informar-lhes que está empenhado em encontrar uma fórmula que afaste a hipótese da reclassificação. Bracher deve regressar hoje a Washington para mais conversas no Departamento do Tesouro e no Federal Reserve.

A meta do esforço do governo brasileiro é achar uma saída que concilie a necessidade de evitar a reclassificação com o desejo de não enfraquecer sua posição de barganha frente aos bancos. Uma das fórmulas aventadas em estudo para alcançar esse resultado é a de o governo fazer um depósito junto ao Bank of International Settlements (BIS), o banco central dos bancos centrais, num valor equivalente aos pagamentos dos atrasados da dívida aos bancos até maio — algo em torno de US\$ 1 bilhão. Uma fonte oficial brasileira afir-

mou que esta é, no momento, a hipótese mais viável, "porque o dinheiro depositado no BIS pode continuar a ser contabilizado como parte das reservas do País".

Não está claro, contudo, se tal depósito poderia ser identificado como um pagamento de uma parte dos juros devidos aos bancos, suficiente para colocar os atrasados abaixo de 180 dias — a principal condição para evitar a ação do Interagency Country Exposure Risk Committee (ICERC), a comissão que classifica os empréstimos internacionais dos bancos.

Um banqueiro do comitê disse ontem a este jornal que considera essa hipótese "remota", pois ela demandaria a construção de um "enorme eufemismo" e poderia contribuir, no final, para desgastar ainda mais a credibilidade do sistema.

Por isso, e tendo em vista a perigosa ebulição dos mercados de capitais desde o "crash" da Bolsa de Nova York, na segunda-feira passada, o banqueiro indicou que, na comunidade financeira, existe uma impressão crescente de que a reunião do ICERC, marcada para começar na próxima segunda-feira, poderá acabar sendo simplesmente adiada.

(Continua na página 22)